

Cinema/Crítica



Richard Dreyfuss e Amy Irving fazem o par apaixonado ao som de Chopin, Beethoven e Brahms.

Boa música salva a melosa "Competition"

LEON CAKOFF
Passados alguns dias após a morte de quem se acreditou que nas telas apenas as produções...

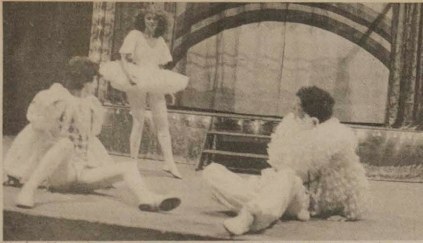
acadêmicos de Hollywood sempre a lembrar que não dá pontos em nada... "Competition" acabou indicado a dois Oscars na última rodada deles.

Justifica-se a tentativa de premiar a montagem. Afinal, faz-se música para simular um clima dos filmes por vezes mambembes em complicados concertos para piano.

Mas não é bem assim, explode o seu alter ego (Lee Remick, como sua instrutora), abrindo o jogo sobre a filosofia que filme encerra. "Competition" é achar um meio de odiar os adversários, e não insistir de alto da sua sabedoria de megera.

Claro que esse não é o melhor conselho que se extrai do filme. Para se ter toda a seqüência de erros, enquanto se delimita um vilão ou outro em diplomatas sofisticados ou no próprio chefe da orquestra, o melhor conselho que o filme dá ao espectador é não se perguntar quem dos supostos vilões faz a nervosa e apaixonada melodia e por quem inevitavelmente acabamos torcendo. "Você não quer ir ao banheiro antes de começar a sessão?"

Teatro Infantil/Crítica



Vandramini estrela com uma montagem rica em temas de fácil identificação para o plateia.

Irreverência marca a criação da "Chaminé"

TATIANA BELINKY
O nome de José Eduardo Vandramini, à frente da recém-criada "Chaminé Produções Artísticas", é a promessa de um teatro infantil-juvenil "Classe A", a se reunir aos não muitos grupos que podem ser incluídos nessa categoria.

Portanto, uma proposta ambiciosa. E que se lança com um primeiro trabalho de inegável garbo: trata-se de uma variação brasileira (ou mesmo à paulistana) sobre o clássico Comédia Dell'Arte Arietiana, Píerri e Colombina são aqui muito nacionais, paulistas interiores que, desde preparados para a vida na capital, acabam trabalhando no circo.



Zanini sugere o caráter internacional da mostra.

Zanini explica os critérios da próxima Bial

A 16.ª Bial de São Paulo que este ano se realizará de 16 de outubro a 20 de dezembro comemora 30 anos de fundação. Não está previsto qualquer tipo de festividade, mas esta Bial promete ser diferente das que se realizaram nos últimos tempos, em virtude da reestruturação de seus critérios e de sua sistematização, através de um novo regulamento.

Walter Zanini, que desde novembro do ano passado vem exercendo o cargo de curador-geral da 16.ª Bial, diz que em outubro, por ocasião de um retorno de críticas latino-americanas, apresentou sugestão para a modificação dos critérios, no sentido de que houvesse uma Bial de caráter internacional, e as obras fossem distribuídas especialmente em três núcleos básicos.

Segundo esse regulamento, a 16.ª Bial será dividida em três núcleos básicos. O Núcleo I será certamente o mais atraente para os "craques", diz Walter Zanini. "Esta prevista sua subdivisão em dois setores diferentes. O setor A, que reunirá tanto artistas nacionais como internacionais, deverá ser inteiramente dedicado à arte vinculada à comunicação, utilizando os novos equipamentos tecnológicos, tais como o vídeo, o laser, o computador etc. Para o setor B, está prevista a presença de obras apresentando pesquisas novas, mas utilizando as técnicas tradicionais, como a pintura, o desenho ou a gravura."

Walter diz que obras utilizando os novos equipamentos tecnológicos, como o vídeo, o laser, o computador etc. já vêm sendo apresentadas por nossos Brasileiros desde 1973. "Mas esta é a primeira vez que se procura fazer uma apresentação dentro de um esquema articulado, de forma a proporcionar um panorama comparativo, o que não era possível no anterior. Antes de voltar, os três encontraram-se por uma semana em Paris, para um balanço inicial dos resultados".

Núcleo 2 aglutinará obras de caráter histórico, sob a forma de retrospectivas de grande repercussão cultural. Com a finalidade de trazer algumas delas, foram feitos numerosos contatos com diretores de museus, críticos e historiadores de diversos países. O Núcleo 3 será destinado especificamente à arte da América Latina, num critério que não se restringe necessariamente à arte contemporânea, e que, ao mesmo tempo, abrange, por exemplo, uma mostra de grande interesse sobre a arte colombiana, diz Walter — ela caberá dentro desse núcleo.

Zanini esclarece que a mudança de esquemas que agora se concretiza, que a global, já era revindicação por muitos setores ligados à arte, desde a década de 60, e tem sido aplicada de forma parcial, tanto aqui em São Paulo, quanto no exterior. "Evidentemente, isso pode trazer no início uma dificuldade maior de organização. Por isso, o novo regulamento é pensado, quanto aos prazos. As obras 31 de julho, mas a partir de entrega de sua documentação (fichas de inscrição, fotos etc.) vai até 31 de maio. A montagem estará a cargo de um comitê especial, que já está em formação e funcionará em agosto-setembro, o que também é uma inovação. "Além, o espaço era dividido por países e os próprios artistas ou seus representantes faziam a montagem. Agora, como os critérios serão de analogia, é imprescindível uma análise prévia das obras enviadas, que serão dispostas na ordem de uma leitura comparativa", explica.

Viagem às margens do Paraitinga-2 Uma exceção na economia do café

MARIO GARCIA-GUILLEN
Parece ficar claro que a importância do café, embora de relevância para a região do Vale do Paraíba com um todo, foi pouco significativa nas margens do Paraitinga, concretamente na região de São Luís.

Table with 4 columns: PRODUTO, N.º de estabelecimentos produtores, Área em hectares, Produção em toneladas. Rows include cana-de-açúcar, milho, café, etc.

O censo local de 1920 mostra muito bem a relativa importância do café em comparação com os outros produtos cultivados, dos quais destacam-se, pela quantidade de toneladas produzidas, a cana-de-açúcar, o milho e o feijão, e, depois, o café, seguido de perto pela produção de arroz.

Estes dados se apresentam extremamente anómalos, uma situação regional como a nossa, onde o único produto predominante é o café, mas como se pode ver pelo quadro ao lado, este não foi tão expressivo em São Luís do Paraitinga.

Embora a primeira fábrica aparecida em São Luís do Paraitinga seja da época do Império — uma fazenda instalada numa fazenda no caminho de Ubatuba — é muito mais importante a sua atividade agroindustrial, especialmente na época que nos interessa. Diz o professor Pasquini que "as atividades agroindustriais, limitadas particularmente a casas de farinha e à fabricação de aguardente e rapaduras, alimentavam, contudo, animado comércio de natureza regional. A importância que a rapadura teve no mercado urbano de São Luís do Paraitinga na década de 1920 a 1930 é significativa" (1). A população de São Luís do Paraitinga vivia nesse período da seguinte forma: 15.129 habitantes (1920), 15.129 habitantes (1935).

E bom lembrar que, no que se refere ao café, alguns autores citam como os principais produtores na Província de São Paulo: Ubatuba, Bananal e São Luís do Paraitinga (2); muito embora "documentos pouco utilizados" (3), que em nada invalida nosso pressuposto.

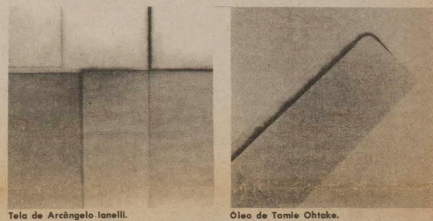
São Luís, em trabalho sobre a urbanização de São Luís do Paraitinga, assinala que: "Embora São Luís do Paraitinga não possa ser considerada uma cidade caracterizada pela economia do café, economia essa responsável por cerca de 90% das atuais cidades paulistas, posto que tangenciou apenas a problemática cafeeira, como produção e como consequências urbanas, a verdade é que essa cidade representou um marco decisivo que posteriormente passaria a caracterizar as cidades nascidas e crescidas em função da produção do café" (4).

O crescimento populacional de São Luís do Paraitinga deve ter sido seus causais, até o começo do século 20, na sua condição de entreposto tropeiro e no contrabando, primeiro, e na agricultura de subsistência, depois, precisamente abusando de alimentos essenciais aos municípios vizinhos dedicados à monocultura cafeeira.

Notas: (1) Petropo, Pasquini. — "A região de São Luís do Paraitinga (Estado de Geografia Humana)". IBGE, Rio de Janeiro, 1939. (2) Kowalewski, Gustavo. — São Paulo, 1965. Tal como aparece citado no "Rotário do Café", de Sérgio Milliet, Sérgio. — "Rotário do Café", pág. 15. — Coleção do Departamento de Cultura, São Paulo, 1941. (3) São Luís. — "Evolução Urbana de São Luís do Paraitinga". Publicação n.º 2 do Condoplat, São Paulo, 1970.

Mário Garcia-Guilien é escritor e jornalista e prepara teses na área de História Econômica na USP. Há um ano faz pesquisas em São Luís do Paraitinga, onde fundou o Centro Cultural da cidade.

Artes Plásticas/Crítica



Tela de Arcângelo Inanelli. Óleo de Tomie Ohtake.

O informalismo em sete expressões

IVO ZANINI
Composições informais são o traço predominante de pelo menos duas das muitas exposições abertas em São Paulo nos últimos dias. O quarto que está mostrando telas e gravuras de linhas geométricas — Lotiar Charoux, Maria Freire, José Pedro Guedes, Odetto Guersoni — na Galeria Balfus (av. Paulista, 967), tem altos e baixos. Charoux é a presença forte do informalismo, o crítico Gastino Xavier de Mendonça e Esther Emilio Carlos, responsáveis pela seleção Brasileira de Críticos de Arte. O curador garante, entretanto, que essa escolha levará em conta as sugestões feitas por numerosas entidades ligadas à arte e que já foram consultadas.

Walter Zanini viajou por três semanas. Europeias, em função da Bial, assim como o presidente Luis Carlos de Albuquerque, na presidência, Joseite Balsa, com uma agenda bastante carregada. Zanini esteve na Suécia, na Áustria, na Itália, na França, na Bélgica e na Holanda. Villares foi aos EUA, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Suíça e Portugal e Joseite se deslocou para a Espanha, Polónia e Jugoslávia, passando também pelo México e por Portugal. Antes de voltar, os três encontraram-se por uma semana em Paris, para um balanço inicial dos resultados".

Na primeira sala da exposição, os quadros de Zanini, de um lado, e os de Tomie, de outro, provocam reações favoráveis, positivas, imediatas. Na sala ao fundo, os trabalhos multicoloridos e mais duros que reticulares de Tuzzi permitem-se ao espaço e no tempo, inteiramente descolados do informalismo cheio de vitalidade ali ao lado, a menos de dois metros.

A precisão do geometrismo abstrato de Inanelli, cercada de cores desparadas e visualização perto da perfeição, acasoa-se com o informalismo vigoroso/riçoso da produção sempre de elevadíssimo nível de Tomie Ohtake. Frente a frente as pinturas dos dois artistas formam uma união indelével na área das obras mais atuais com apuro e técnica irrepresíveis. Na sobriedade das formas de Inanelli, uma harmonia e equilíbrio contemporâneo dos seus autores. A ala brasileira, com esses dois pintores, terá no certame internacional representações à altura do estágio atingido há tempos pelo abstracionismo pátrio. O que poucos conseguem entender é a convocação de Tuzzi, distante, muito distante da sua melhor produção, para integrar a mesma exposição para uma mesma competição. As referências do jovem artista não florescem, apesar de todo o sol (leia-se amarelo) que banhou suas telas.

Composição geométrica de Charoux.